

## UM DIPLOMATA NA DEFENSORIA DO ESPORTE: O FUTEBOL NA LITERATURA DE GILBERTO AMADO

ANDRÉ MENDES CAPRARO\*

### I

Um famoso escritor que dedicou uma pequena parte da sua produção ao esporte foi Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria, conhecido no meio literário somente pela abreviatura, Gilberto Amado. O presente artigo objetiva analisar alguns de seus textos, especificamente, aqueles que tratam do seu posicionamento acerca do futebol.

Amado exerceu as profissões de jornalista, bacharel em direito, político, diplomata e escritor – ofício que o consagrou. Nasceu em maio de 1887. Mesmo sendo originário do nordeste brasileiro, mais especificamente da pequena cidade de Estância, em Sergipe, logo migrou para a cidade do Rio de Janeiro, ocupando, na então Capital Federal, os citados ofícios e cargos políticos (Carpeaux, 1967: 354-355).

Era um homem cosmopolita, pois havia morado no Chile, Finlândia, Itália, França, EUA e Suíça. Entretanto era um nacionalista convicto, nunca deixando de valorizar as coisas do seu país, muitas vezes até de forma exaltada: “[...] tinha horror de brasileiros desnacionalizáveis, que por bovarismo e falta de personalidade procuram tornar-se britânicos na Inglaterra e americanos nos Estados Unidos [...]” - escreveu Homero Senna no prefácio da coletânea de crônicas do autor intitulada *Seleto* (Senna In Amado, 1974: xiv).

Gilberto Amado era o primogênito de uma família de poucas posses, sendo privilegiado com o investimento familiar no seu estudo<sup>1</sup>. Porém – mesmo de origem humilde –, desde jovem, Amado foi um homem integrado ao sistema político vigente, possivelmente devido à influência da formação na conservadora Escola de Direito de Recife, ainda na década de 1900. Em 1910, devido ao declínio do grupo político que

---

\* Doutor em História – UFPR. Professor Adjunto II – UFPR.

<sup>1</sup> Miceli (1977) acredita que os autores Lima Barreto e Gilberto Amado foram “agraciados” com a condição de primogênitos, já que as famílias mais humildes, geralmente com uma prole considerável, não tendo condições de propiciar estudo a todos os filhos, investiam no mais velho, evidentemente porque seria este que poderia gerar rendimentos à família mais rapidamente.

protegia a sua família, todos os membros são obrigados a se retirar da cidade. A família vai para a Bahia, mas, com apenas vinte e três anos, Amado preferiu se transferir para o Rio de Janeiro (Miceli, 1977: 64).

Na Capital Federal começou a trabalhar como articulista dos periódicos *Jornal do Commercio* e *O País*. Neste período chegou a escrever, segundo Pereira (2000), que o futebol não era um assunto que merecia a atenção da literatura nacional (mesmo que fosse em crônicas jornalísticas), mas logo mudaria de opinião. Objetiva-se, assim, analisar alguns textos de Gilberto Amado, especificamente, aqueles que tratam do seu posicionamento acerca do futebol.

Ainda na década de 1910 começou a viajar pela Europa representando oficialmente o governo. Depois de ingressar na carreira política, já com alguns livros de memória publicados e uma tentativa frustrada de se candidatar a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, tornou-se Deputado Federal pelo seu Estado natal, residindo novamente na Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro (Senna In Amado, 1974: xvi-xix). Em 1921, reeleito, escreveu uma crônica sobre o futebol publicada originalmente no *Jornal O País* e um ano depois na coletânea *Aparências e Realidades* (Pedrosa, 1968: 161).

O enredo da crônica pode ser dividido em três partes distintas e bem delineadas. A primeira é uma espécie de defensoria intelectual do citado esporte, que havia sido colocado sob julgamento por alguém do meio literário brasileiro. A segunda é uma mostra explícita da forte identificação do autor para com o seu Estado de residência, o Rio de Janeiro, contrapondo a prática do futebol neste Estado ao praticado pelos paulistas. Na última, o autor lança algumas questões dispersas a respeito da futura participação brasileira nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, em 1920.

## II

Na primeira parte do texto, o tom da crônica é bastante emotivo. Gilberto recorre à retórica próxima ao estilo parnasiano e, de certa forma, aos argumentos típicos do discurso político para contra-argumentar um interlocutor anônimo. Nada anormal este tipo de resposta aberta, pois, na época, o escritor já havia se inserido no meio político brasileiro (Senna In Amado, 1974: xiv).

Nesta parte, caracteristicamente dialogada, Gilberto Amado tenta responder então ao literato não identificado que o criticou devido a sua admiração pelo futebol. “Um dos nossos mais ilustres escritores já me fêz a honra de estranhar que se gostasse do futebol, reputando êsse jôgo bruto indigno de interessar a um homem de pensamento” (Amado In Pedrosa, 1968, p. 161).

Gilberto Amado era um admirador convicto do futebol. Mesmo sem fontes que confirmem sua participação como praticante, é possível acreditar que se tratava de um *sportman*, no sentido que a palavra representava na sua época – uma vida saudável, a incorporação de um ideal de ativismo e engajamento, e uma ética amadorística (leia-se, nas entrelinhas, elitista) pautada no código do *fair-play*, o respeito incondicional ao adversário, aos espectadores, árbitros e demais participantes, e às próprias regras do esporte (Gebara In Moreira e Simões, 2000). Como relatou Senna (1974), Gilberto era um torcedor fanático e, como conseqüência, frequentador assíduo dos campos de futebol cariocas. Sustentando uma tese que irá ser detalhada adiante: a de que o futebol, mais do que uma prática física qualquer, era uma mostra nítida de que o seu adepto tinha caráter (Amado, 1974: 118-122).

A estratégia textual foi a de enaltecer personalidades valorosas, reconhecidas historicamente, e que apreciavam a prática de atividades físicas...

Desde Sófocles ao presidente Wilson<sup>2</sup>, passando por Petrônio, que amava os espetáculos do circo, não me faltariam exemplos ilustres a autorizar o inocente costume que adquiri de assistir de vez em quando uma partida de futebol (Amado In Pedrosa, 1968: 161).

Sendo assim, tentava justificar a sua própria condição de apreciador do futebol, já que tinha sofrido severas críticas por parte de outro intelectual. Conseqüentemente, a crônica acabava também servindo para defender a proeminência do futebol na sociedade brasileira. Além disso, em apenas poucas páginas, de forma direta e informativa, Amado discorreu sobre temas em voga nas primeiras décadas da Primeira República: da identidade nacional baseada na influência civilizatória europeia à negligência do povo brasileiro para com as suas próprias coisas.

---

<sup>2</sup> Tratava-se do presidente dos EUA na época, Thomas Woodrow Wilson, que exerceu o cargo de 1913 a 1921. Nota não presente no original.

Era um erudito “estabelecido” (Elias e Scotson, 2000), fluindo por temáticas amplas e cheias de controvérsias, na tentativa de convencer o leitor de que sua simpatia pelo esporte era justa. Neste aspecto, o manuscrito tem rara qualidade textual, pois mantém uma coerência argumentativa simples, porém convincente. O leitor, inserido no mesmo contexto do autor, poderia ser envolvido, solidarizando-se com os argumentos expostos.

Se os críticos do futebol usavam como argumento principal o fato do esporte ser um produto importado da Europa, sem a genuinidade da “coisa da terra”; Gilberto Amado, no seu jogo retórico, contra-argumentava que, devido à desvalorização da cultura brasileira, se fosse originado no território brasileiro, o futebol não seria aceito.

Mas é de elementar observação que, se fôsse nacional, o futebol não teria nenhum prestígio. Quês estupidez andarem homens a correr de lado a lado, atrás de uma bola, empurrando-se uns aos outros. Só mesmo de brasileiros! Era o que nós mesmos diríamos do futebol. Graça nenhuma poderíamos achar nos lances mais difíceis. Qual seria o rapaz de boa família que tivesse a coragem de se pôr em calções, para fazer o que fazem hoje nos nossos campos tantos moços distintos? (Amado In Pedrosa, 1968: 162).

Assim, enviava para os algozes do futebol considerável parcela da responsabilidade pela aceitação do próprio, pois ao buscar uma identidade praticamente tomada de empréstimo dos europeus, o esporte acabou vindo a reboque e, segundo o autor, se assim não o fosse, dificilmente haveria um reconhecimento por parte da sociedade brasileira. Nas palavras explicativas do próprio Gilberto Amado “É da nossa psicologia termos vergonha do que é nosso, ou não termos fôrça de invenção para criar coisas interessantes. Mas o futebol veio de fora e aí está triunfante. E, ao meu ver, é bom que esteja” (Amado In Pedrosa, 1968: 162).

### III

Mas se a princípio fica nítido que a crônica se tratava de uma defesa do futebol, na parte intermediária do texto Amado dá uma virada brusca. Após tentar convencer o público da importância do esporte na sociedade brasileira, é afirmado pelo autor: “Não é, porém, a defesa do futebol que quero fazer neste artigo. O que desejo é simplesmente chamar a atenção dos responsáveis oficiais ou não para um fato que me parece grave: o descrédito esportivo do Rio” (Amado In Pedrosa, 1968: 162).

Então, a crônica engajada passara a se tornar uma crítica ao gerenciamento do futebol na Capital Federal –

Um prefeito moderno, menos jurídico e possuidor de um fraque menos pesado do que o Sr. Sá Freire, tomaria a sério a questão, entender-se-ia antes de cada jôgo, com os chefes dos diversos clubes, criaria uma fiscalização para a Liga Metropolitana, interessar-se-ia, enfim, pelo renome esportivo da cidade (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Com um discurso bastante regionalista, já que na época, devido ao vertiginoso crescimento da cidade de São Paulo (Sevcenko, 1992), se estabelecia uma concisa rivalidade entre as duas cidades, inclusive em se tratando de esporte, como demonstrado na sequência de fontes levantadas pelo jornalista Mauro Betting: “Essa encrenca tem um objetivo que é, hoje e sempre, saber quem são os melhores jogadores: se somos nós (paulistas) ou os cariocas” (O Imparcial, 1913 In Betting, 2003: 20). “Não há um futebol brasileiro apenas, há um football brasileiro e um paulista” (O Paiz, 1919 In Betting, 2003: 20). “Os paulistas são mais paulistas que brasileiros” (O Imparcial, 1920 In Betting, 2003: 20). “A colossal vitória sobre os chilenos atesta a falência moral de São Paulo sportivo, senão o funeral da alma da sua mocidade” (Sport Illustrado, 1920 In Betting, 2003: 21).

Usando desta tensão regional, o literato e político argumentava que, se o esporte estava em franca ascensão em São Paulo, o Rio de Janeiro, como metrópole brasileira mais tradicional, não poderia ficar atrás. Seu argumento tinha um posicionamento contundente, centrado no local no qual residia.

Realmente, afigura-se-me uma vergonha para a população da Capital reconhecer-se e proclamar-se tão freqüentemente em situação de absoluta inferioridade a São Paulo. As constantes derrotas que os times paulistas infligem aos cariocas deveriam estimular o ânimo dos nossos “sportmen”, para que eles se convencessem de quem com a sua negligência, a sua desorganização, o seu descaso, perde a cidade do Rio de Janeiro no seu prestígio de metrópole esportiva do Brasil e mesmo nessa glória ornamental de vencer sempre, seja no que fôr. Afinal de contas, derrota é derrota, e, por menos orgulho que tenha o Rio, não lhe deve ser agradável ver-se abatido assim tantas vezes por uma cidade de província, ainda que seja São Paulo (Amado In Pedrosa, 1968: 162-163).

Sem meias palavras, defensor convicto do futebol praticado no Rio de Janeiro, o literato tenta isentar os jogadores, responsabilizando os dirigentes pelos constantes

fracassos diante do quadro paulista. Como relata o autor, “O que tenho observado nos contínuos embates entre os cariocas e os paulistas é que não nos faltam, no Rio, jogadores de valor” (Amado In Pedrosa, 1968: 163). “E entretanto, quem assiste aos jogos tem a impressão de que os nossos jogadores são excelentes, que os há no Rio capazes de rivalizar com os de São Paulo” (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Gilberto Amado foi enfático no diagnóstico do problema:

Quanto ao esporte, pelo que observo, o que nêle domina é uma politicagem tremenda. A Liga Metropolitana é, ao que suponho, um dos lugares onde há mais rivalidade no mundo. A escolha dos jogadores não se faz pelo critério das competências, mas pelas simpatias pessoais, pelo interêsse dos clubes, por diversos motivos mais ou menos alheios ao jôgo propriamente. E faz-se a escolha quase sempre na véspera do “match”, de modo que não resta aos jogadores tempo para se prepararem convenientemente (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Reclamando da falta de organização dos dirigentes da Liga e dos clubes cariocas e também estabelecendo um quadro comparativo com a prática paulista, o literato concluiu usando da sua convincente retórica na tentativa de mexer com os brios dos responsáveis pelo futebol carioca e até dos atletas:

De maneira diversa procedem os paulistas. Orgulhosos, enérgicos, ciosos do nome paulista, êles não admitem que se lhes recuse no Brasil superioridade em coisa nenhuma: até no futebol. Por isso, tôda vez que há um encontro marcado, êles selecionam de antemão os times, os sujeitam a um “training” rigoroso, a imprensa local incentiva os jogadores, e êles aqui chegam e vencem com uma facilidade enorme (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Se a primeira parte da crônica era um nítido diálogo com um literato, a segunda também tinha um público a qual se destinava. Tal público, embora maior, era bem definido: todo o segmento carioca envolvido com o futebol. Prova é o fato do autor se declarar torcedor do selecionado carioca, sem o menor pudor em relação ao que poderia pensar o público paulista – inclusive chegando a chamar São Paulo de “provinciana”.

#### IV

Depois de mais uma rápida mudança de assunto, desta vez sem sequer se preocupar em fazer uma transição entre eles, Gilberto passa a comentar sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos na Bélgica (1920). “Aproxima-se o dia da partida da nossa representação esportiva para Antuérpia, onde se efetuam os grandes

jogos olímpicos, acontecimento que interessa o mundo inteiro” (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

No início parece se tratar apenas de um escrito informativo: a notícia da organização do evento, a efetiva participação do Rei Alberto, etc. Porém, logo a seguir, o autor passa a criticar os dirigentes brasileiros responsáveis pela organização do esporte olímpico, já que não havia encontrado informação alguma nos periódicos locais sobre a preparação brasileira para tais Jogos.

A sua querela era novamente com os dirigentes, pois, contrito, o literato relatou que... “O critério da escolha será naturalmente o do passeio à Europa. Quem nunca foi irá desta vez” (Amado In Pedrosa, 1968: 164). Encerra, então, demonstrando a preocupação de que o Brasil pudesse ser exposto ao ridículo, justamente em um momento de crescimento e de reconhecimento externo. Principalmente no caso do desenvolvimento esportivo, pois o esporte era definido por Gilberto Amado como uma “expressão da cultura, educação e saúde de um povo [...]” (Amado In Pedrosa, 1968: 164).

## V

A adoração de Gilberto Amado pelo futebol prosseguiu por toda sua vida. Tanto é que com certa regularidade o futebol aparecia como tema nos seus escritos, a maioria de forma secundária, como no romance *Os Interesses da Companhia*, no qual um dos personagens era um jogador de futebol, cercado por colegas futebolistas que com ele se preocupavam (Amado, 1942). Em outras obras, o atleta de futebol chega a ser o protagonista, como no excerto de romance adaptado ao gênero conto memorialista, publicado na coletânea *Seleção*, cujo título era *Futebol, Questão de Caráter* (Amado, 1974: 118-122).

O texto é estruturado a partir de um diálogo entre um jovem elitista e uma figura humilde que, mais tarde, iria se declarar ex-jogador de futebol da seleção brasileira. O ex-atleta tenta explicar ao jovem por quais motivos ele daria um bom meia-esquerda<sup>3</sup> – a grande trama do enredo. Paradoxalmente, a explicação não se deu com base nos

---

<sup>3</sup> Uma das onze posições de uma equipe de futebol. O atleta que atua nesta posição é, geralmente, já que no futebol não existem posições estanques, o responsável pela criação no setor esquerdo do meio de campo, conduzindo a bola rumo à meta adversária e também preparando a jogada para finalização dos atletas que atuam nas posições de ataque.

aspectos técnico, tático e físico, e sim, por meio de um traço de personalidade: o caráter. Logo abaixo, um trecho do diálogo pouco convencional estabelecido entre os dois protagonistas:

- É pena, Geraldo, que você não jogue futebol.
- Por quê? – perguntou Geraldo, surpreso.
- Você daria um meia-esquerda... – E ao mesmo tempo que beliscava a ponta da orelha: - daqui!
- Mas por quê?
- Por causa do caráter... Futebol não é questão de perna, de saber correr, de saber driblar, de saber chutar... É questão de caráter. Você tem caráter.
- Mas por que particularmente meia-esquerda?
- Você não abandona posição, todos, centroavante, extrema-direita, extrema-esquerda... A linha média, você sabe é móvel por natureza, deve justamente mudar de posição. Mas o meia-esquerda deve não sair do seu lugar, deve fincar-se entre o centroavante e o extrema-esquerda, custe o que custar! (Amado, 1974: 119-120).

Mas o conto conduz para a principal característica da literatura de Gilberto Amado: o memorialismo. Gilberto era especialista em gerar arte a partir das suas próprias vivências de homem douto inserido no contexto mundial. Como relata Homero Senna no prefácio da coletânea *Seletas*:

Ao contrário do que aconteceu com outros dos nossos escritores, cujo afastamento do país fez com que perdessem o interesse pelas coisas brasileiras, a distância aguçou, em Gilberto Amado, o sentimento de compreensão e ternura pela pátria, “o grande lar longínquo coberto de sol debaixo dos trópicos” (Senna In Amado, 1974: xiv).

Nesta perspectiva, o conto citado também recorreu ao memorialismo do autor, aproximando-se do sentido de fronteira literária (Ginzburg, 2004), pois, a partir do diálogo dos dois personagens fictícios, começam a emergir vários jogadores que realmente se destacaram durante os primórdios do futebol brasileiro.

O nome de Friedereich nenhum eco lhe despertava na alma. O cinema, a política, o automóvel, outras coisas tomaram nos da sua geração o lugar que ocuparam, para os que hoje estão entre os trinta e cinco e os cinquenta, as disputas célebres entre Flamengo e Fluminense, entre Rio e São Paulo, entre os combinados Brasil e Uruguai, Brasil e Argentina. Colossos, como Neco, que avultam na memória de tantos brasileiros, tirando a bola dos pés do beque, negando-a aos pés de uns, cedendo-a a outros e retomando-a, e com ela entrando no gol, não existiam para ele. Não viu os campos sem arquibancadas, virgens de cimento armado. Não fora atingido pela mística do

futebol. Maravilhou-se de descobrir tanto sentimento em Bolota<sup>4</sup>, e simpatizou com isso (Amado, 1974: 121).

Eram as lembranças do tempo da meninice e adolescência do autor. Desta forma, Gilberto Amado, mesmo narrando no impessoal, também se tornava parte ativa do texto – materializado nas reminiscências dos dois protagonistas do texto. A relação era simbiótica, pois, entre as lembranças de Amado, os personagens também ganhavam uma vida mais realística. *Bolota*, por exemplo, foi parar no meio da seleção brasileira que havia disputado um dos Sul-Americanos durante a década de 1910, convivendo, na imaginação artística do autor, com os primeiros jogadores de destaque do futebol brasileiro, como Marcos de Mendonça, Neco, Vidal, Chico Neto e Friedereich.

E como seus textos eram *espaços de memória* (Bresciani e Naxara, 2001), não pode ser deixado de destacar a principal característica deste estilo literário: a idealização de um passado em detrimento a um presente incerto e, de certa forma, gerador de um sentimento de angústia.

“Geraldo<sup>5</sup> amanhecera para as atividades humanas já em período de decadência do futebol no Rio. Conhecia Marcos Mendonça como industrial, pai de família e homem de sociedade. Não o vira de calção, voando para a bola, à porta do retângulo, compondo com Vital e Chico Neto o trio invencível. De Walfare e de Sidney, nem ouvira falar” (Amado, 1974: 121).

Gilberto era um nostálgico. Conseqüentemente, sua criação é marcada pela condição psicológica do autor. Coaduna-se, então, seus escritos memorialistas ao seu próprio perfil, pois ninguém que não fosse integrado e estivesse em concordância com as normas sociais de uma determinada época poderia, posteriormente, lembrá-la com um tom de nostalgia. Como político, escritor e diplomata era um “estabelecido” no sistema vigente no Brasil da Primeira República. Sendo assim, corroborava com a formação de uma identidade nacional pautada na incorporação de elementos da cultura europeia. Mesmo sendo nítida – principalmente no período em que residiu em países estrangeiros – a demonstração do gosto pelas coisas tipicamente brasileiras.

---

<sup>4</sup> Trata-se do personagem fictício que era um ex-jogador da seleção brasileira de futebol. Não consta no original.

<sup>5</sup> Era o jovem personagem fictício, protagonista da história.

No segundo volume das suas memórias, respondendo, de modo indireto, às pessoas que estranhavam a ‘exaltação amorosa’ com que sempre falava do Brasil, e a julgavam exagerada em homem tão viajado, que vira tanta coisa grande e bonita, observava ele que essas pessoas ‘não avaliam a importância psicológica de ter nascido num país sem fronteira como é o nosso... país em que a gente não tem que esbarrar a cada passo, de todos os lados, com outros países.’ E concluía: ‘O nosso não acaba nunca. Nele se pode caminhar sem chegar ao fim. O filho do Brasil leva, por onde vai, a vastidão da paisagem dentro da alma. Nada nos sufoca’. (Senna In Amado, 1974: xiii).

Assim, prova-se que o escritor mantinha uma coerência no conjunto da sua obra. Defensor convicto da prática do futebol nos seus primórdios, quando ainda era jovem (com a exceção daquele depoimento prematuro em 1910, onde excluía tal esporte do rol de assuntos pertinentes ao debate intelectual) e, posteriormente, quando já era reconhecido no meio literário, resgatando as vivências que teve nos campos, ainda sem arquibancadas, nos quais contemplou aqueles jovens da elite carioca exibindo a plástica motriz que tanto admirava. Em 1921, naquela primeira crônica publicada acerca do tema, era afirmado pelo autor: “Não há hoje no Rio assunto mais sério, que tanto diga com o encanto e o brilho da cidade, do que o futebol. Tenho, portanto, justificação para dedicar-lhe esta coluna” (Amado In Pedrosa, 1968: 161).

Porém, se Gilberto Amado admirava o futebol – defendendo-o em algumas oportunidades; sugestionando sobre a forma como era dirigido no país, em outras; e principalmente relembrando com afeto do seu passado remoto – de longe seu envolvimento literário poderia ser comparado ao de outros autores da sua época, como, por exemplo, Lima Barreto, fundador de uma Liga contra o futebol e, provavelmente, o crítico com quem “dialogava” naquela crônica de 1921 .

## Fontes

AMADO, G. *Os Interesses da Companhia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1942.

AMADO, G. *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

BETING, M. *Bolas e Bocas: frases de craques e bagres do futebol*. São Paulo: Leia Sempre, 2003.

PEDROSA, M. *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.

## **Bibliografia**

BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.

CARPEAUX, O. M. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GINZBURG, C. *Nenhuma Ilha é uma Ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MICELI, S. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectivas, 1977.

MOREIRA, W. & SIMÕES, R. *Fenômeno Esportivo no Início de Um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.